

Zoneamento agrícola: há o que se considerar?

José Laércio Favarin e Antonio Carlos Baião de Oliveira*

ANNA NETTO



Plantio de Coffea arábica, variedade que compõe maior parte do parque cafeeiro nacional; Jacuí, MG, 2013

O parque cafeeiro brasileiro possui mais de cinco bilhões de plantas. A maior parte formada por indivíduos da espécie *Coffea arabica* L., dos quais, aproximadamente, 80% são cultivares Mundo Novo e Catuaí. O cultivar Catuaí originou-se do cruzamento artificial entre as cultivares Caturra Amarelo e Mundo Novo. Caturra é um mutante natural, para porte baixo, que foi observado em lavouras de Bourbon Vermelho (BV), por volta de 1930, na região limítrofe dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, 70 anos depois da chegada do BV. Mundo Novo originou-se do cruzamento natural entre os cultivares Bourbon Vermelho, introduzido em 1859, e Sumatra, introduzido em 1896, ou seja, 85 anos após a entrada do BV, e 47 anos do Sumatra.

Das plantas desse cruzamento, que se deu em Mineiro do Tietê, SP, obtiveram-se sementes levadas ao município de Mundo Novo, atual Urupês, SP, onde foram feitas seleções de matrizes, entre 1943 e 1952. O município de Urupês se localiza a oeste do Estado de São Paulo, com menos de 500 m de altitude e temperatura média superior a 23°C. Todos os materiais genéticos que deram origem a Mundo Novo e Catuaí, na década de 1970, foram cultivados a pleno sol, em espaçamentos abertos, totalmente expostos à radiação solar, condição muito diferente do sub-bosque no ambiente de origem da espécie *C. arabica*. Desde a introdução do Bourbon Vermelho, já se passaram mais de 150 anos, período em que ocorreram várias mutações e cruzamentos naturais e artificiais. O que esse tempo todo exposto a condições diferentes das de origem impuseram ao cafeeiro arábica?

O microclima da cafeicultura atual, por sua vez, difere substancialmente do que predominava antigamente, em razão do aumento de mais de três mil plantas por hectare. Assim, houve, de um lado, a exposição total da planta

durante muitos anos, e, de outro, a mudança do clima no ambiente da lavoura; além disso, tivemos também o cultivo levado a áreas até pouco tempo impen-sáveis. Grande parte da adaptação do cafeeiro arábica a essas novas áreas de cultivo se deve à variabilidade genética incorporada ao conjunto de plantas cultivadas desta espécie, por meio da introdução de novos cultivares, das mutações naturais e pelas recombinações genéticas oriundas dos cruzamentos. A esses fatos, acrescentem-se alguns cultivares, como os do grupo Mundo Novo e Catuaí, bem como outros em fases de melhoramento, que evidenciaram grande amplitude de adaptação a diferentes ambientes. Na prática, hoje temos lavouras em regiões baixas com temperaturas médias superiores àquelas indicadas pelo zoneamento agrícola da cultura. Nessas regiões, a limitação da temperatura está, também, atrelada à limitação hídrica, provavelmente mais importante do que a própria temperatura. Os plantios são, na maior parte das vezes, irrigados; principalmente, por pivô.

Nessas áreas, o potencial das lavouras não é totalmente atingido. As plantas sofrem mais, com perda acentuada de folhas, seca de ponteiros e, por isso, requerem mais tempo para se recuperar. A longevidade das plantas tende a diminuir. No entanto, medidas mitigadoras – como a irrigação, o sombreamento parcial, o preparo profundo do solo e o uso de cultivares adaptados para contornar a temperatura elevada e o déficit hídrico – têm sido adotadas, com resultados elevados da produtividade. Com tudo isso, como fica o zoneamento agrícola para o cafeeiro? ☺

***José Laércio Favarin** é professor do Departamento de Produção Vegetal da USP/ESALQ (jfavarin.esalq@usp.br); **Antonio Carlos Baião de Oliveira** é integrante da Embrapa Café (antonio.baião@embrapa.br).

